

A LUCTA

Santa Catharina—Desterro—Domingo 7 de Junho de 1895

ANNO I

REDACÇÃO DE JOSÉ RAPOSO

NUMERO 8

EXPEDIENTE

A «Lucta» assignar-se-ha no escriptorio do «Jornal do Commercio», á Praça Barão da Laguna n. 14, á razão de 1\$ por trimestre e de 1\$200 com porte pelo correio, devendo o pagamento ser feito adiantadamente.

Publicar-se-ha duas vezes por semana, ás quintas-feiras e domingos, sendo vendido o numero avulso a 40 rs.

O numero atrazado da «Lucta» custará 100 rs.

Publica-se annuncios a 40 rs. a linha e artigos ineditoriaes a 60 rs.

Ficam encarregados de receber assignaturas para a «Lucta» os seguintes senhores:

Francisco Monteiro Cabral, na Laguna e freguezias;

João Cabral de Mello, no Tubarão.

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes, tanto da capital como de fóra, se sirvam reclamar immediatamente, quando houver irregularidade na entrega d'esta folha.

Os originaes enviados á redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

COLLABORAÇÃO

Bem geral

O melhoramento de portos, na provincia, é tambem condição indispen-

savel para o seo augmento e prosperidade.

No entretanto essa questão, como a da «D. Pedro I», segundo mostrámos, não tem merecido a attenção devida por parte dos poderes publicos.

E' sabido: onde quer que haja portos francos, seguros, de facil accesso ás embarcações que se empregam no grande e importante commercio do transporte de mercadorias e productos proprios de um solo, para permutal-os por outros, que não se aclimam nelle, ha desenvolvimento, ha riqueza, ha prosperidade.

E isso porque é na lei das trocas, na lei da permuta—que consiste na offerta de productos por productos—que assenta a industria, o commercio e toda a força activa e laboriosa de um povo qualquer.

Quando a Providencia Divina, na organização desse harmonico todo que fórma o que se chama—globo terra-que—, estabeleceu a diversidade de climas, e deo ao solo de um paiz propriedades differentes das que deo a outro; quiz mostrar, assim, que não podemos viver sem a lei das compensações, sem a lei da reciprocidade— a lei do auxilio mutuo.

Não foram essas relações de povo a povo, de paiz a paiz, de mundo a mundo, a sociedade não poderia avançar, marcaria passo, ao contrario, porque naquellas é que está o poderoso agente que abre o caminho ao progresso, á riqueza, á felicidade de todos.

Isso serve para mostrar a necessidade, a vantagem, a utilidade das relações commerciaes directas de nossa praça com as do estrangeiro.

Entretanto não as temos, porque se oppõe a isso: aqui o célebre *trabo-*

leiro; na Laguna o historico *banco* á entrada de sua barra.

E são duas cidades principaes da provincia, com poderosos elementos para prosperar e desenvolver-se, si o seo commercio fosse feito em maior latitude, na escala proporcionada á sua importancia.

Mas como fazel-o, si têm os portos trancados aos grandes navios procedentes do estrangeiro?

Como, si as suas relações commerciaes, por causa daquelles dous obstaculos ao seo augmento, ao seo progresso, limitam-se á praça do Rio de Janeiro?

E nada se tem feito, nem se faz, menos agora, que a politica do governo é de toda a economia,—só de despesas rigorosas e imprescindiveis.

Mas é que, entendemos, entram nessas despesas as obras com aquelles melhoramentos que consideramos até inadiaveis, muito principalmente porque, como se espera, vamos ser privados da «D. Pedro I.»

No entretanto lá estão no parlamento dous representantes da provincia que, em silencio, deixam trucidar as mais justas, as mais legitimas aspirações daquella que mandou-os advogar os seus direitos.

Eis uma das causas do nosso atrazo, da indifferença que votam os poderes publicos a esta escuria do Brazil:

Mandarmos ao parlamento deputados que não são deputados.

Proseguiremos.

TH. CHAVES.

O MEQUETREFE

O n. 376 d'esse bem accito hebdomadario, que nos trouxe o ultimo paquete da corte, além do retrato de Victor Hugo, que orna a sua primeira pagina, traz, na quarta, o «fac-simile» de uma poesia do grande poeta e patriota francez.

As paginas do centro são occupadas com duas allusões a um sr. Diogo da camara dos deputados que, totalmente, quiz cuspir sobre o tumulo do grande homem que se finou uma desconsideração que, apenas, deu em resultado e ridiculo para o cuspidor.

Esse sr. Diogo é um deputado que protestou contra o voto de pezar pela fallecimento de Victor Hugo, proposto á camara pelo sr. Martim Francisco.

Titere, o sr. Diogo.

Mas tambem... Victor Hugo ou... Diogo quejando, isto é, eleito pela terra dos queijos.

O texto está variado e bom, abrihantando-nos uma bellissima poesia—*Vielle Chanson*—do energico auctor dos *Chatiments*.

Recebemos de S. Paulo o «Cathecismo Republicano» sobre o qual mais tarde emittiremos opinião.

E' seu auctor o sr. Alberto Salles.

Diz o «Paiz» que na corte, em pleno meio-dia, á rua Sete de Setembro, duas «damas de boa familia» e casadas «esgadanham-se» a valer por motivos de siumes.

«Carabul» que amor felino!

A 28 do passado falleceu na côrte o padre Macario Cesar de Alexandria e Souza que, por algum tempo, residiu entre nós.

Diz o «Diario Official», de 1 do corrente, sob a rubrica *ministerio do imperio*:

«Por despacho de 30 do mez findo:

«Declarou-se sem effeito o decreto de 31 de Janeiro do corrente anno, pelo qual foi nomeado o Dr. Frederico Rolla para o lugar de inspector de saude do porto de Santa Catharina, visto não ter aceitado a nomeação.»

Foi nomeado o Dr. José do Rego Raposo para os lugares de inspector de saude publica e do porto, e de commissario vaccinator da mesma provincia.»

COMO NOS RECEBERAM

São do nosso illustrado collega do «Democrata», de São Francisco, as linhas que abaixo vão transcriptas e que a nós se referem de modo assaz lisongeiro:

«*A Lucta* é o nome de um periodico que começou a publicar na Capital o sr. José Raposo, e de que fomos obsequiados com os 3 primeiros numeros. Nestas palavras: «Guerra franca, lucta aberta a tudo o que fór inconcessavel—Alliança offensiva e defensiva a tudo que fór honesto—reune e resume o novo collega tudo quanto de mais nobre e honroso se pode incluir no programma de um jornal. Saudamos a *Lucta*».

Quarta-feira começou a ser publicado, n'esta capital, o *Estudante*, jornalsinho devido á iniciativa de alguns collegiaes.

Segundo o seu programma, o *Estudante* «tem por unica esatisfactoria missão stereotypar francamente os pensamentos juvenis da mocidade collegial.»

Away.

As folhas d'esta capital teem, por vezes, chamado a attenção da policia para a chusma de pequenos vagabundos que infestam os ruas da cidade, entregues ao jogo e fazendo tropelias.

A policia tem feito ouvidos de mercador, e os pequenos continuam a incommodar os transeuntes.

Pois bem, manipuladora da ordem publica, faze um esloco, põe-te acima do teu proverbial *laissez aller*, e dá uma providencia qualquer.

Diz o *Mequetrefe*, no *noticiario* do seu ultimo numero:

«O verdadeiro motivo que leva ao Chile o sr. Lafayette não é o arbitramento de guerra. S. Ex. vae tomar parte n'um concurso de belleza.»
E' boa.

Veiu visitar-nos o n. 30 da *Matraca* trazendo na sua primeira pagina o retrato de Victor Hugo.

No texto e na ultima illustração a *Voz do Povo* passa trabalhos.

Agradecidos pela visita.

A vol d'oiseau

A não ser o apparecimento da «*Voz do Povo*» que veio fazer «alguma cousa, embora pouco, em bem da causa do progresso,» visto que os outros nada faziam, não sabemos sobre o que havemos de fallar.

Na demissão do sr. Caminha que, por ora, apenas o que se diz é que foi posto fóra por não querer votar em quem queriam os outros?

Isto é uma immoralidade que é preciso ser explicada pelo inspector do thesouro provincial.

Na historia do menor a quem quasi trucidaram?

A esse respeito já varreram testadas os srs. drs. Juiz de orphãos e Henrique de Paiva.

Apenas falta exhibir-se o delegade d'aquelle tempo, que pediu demissão para...

P. r que seria?

Explique-se.

No abatimento em que se acha a imprensa liberal, que não tuge nem muge?

Tambem tem razão: o sr. Elysen tem passado por tantos desgostos...

E por mais que puxemos pela memoria fica sempre ella renitente.

De nada nos recordamos que mereça critica.

Ah! é verdade... o conego Siqueira Mendes não apanhou a senatoria.

Sabem porque? por causa do «quinino»!

Este «quinino» é a perdição de muita gente.

O melhor é não fallar em cousas tristes.

Diz o sr. Coutinho, condimentado redactor da «Voz do Povo», que os «proprietarios» de escravos devem ser indemnizados.

Sim, senhor, de accordo; deve-se indemnizar os «senhores» e ainda em cima dar-se-lhes dous vintens para que elles «matem o bicho» e não se zanguem com a gente.

O' Zê, ó Araujo, ó Coutinho, que diabo «d'isto é aquillo»?

BENTO DOS...

AMAR, ESPERAR, DESEJAR

I

Sabes o que eu amo? Não é a gloria, de certo! Não é essa fascinadora e cruel divindade, a cujos pés os louros rolam sempre molhados de sangue e lagrimas!

Não é a riqueza! A riqueza embala nos seus braços macilentos o legobre phantasma da vigilia e do terror!

Não é a fortuna, a desvairada deusa protectora dos loucos ambiciosos, cujo pedestal o destino construiu sobre a garganta dos funebres abysmos.

Eu amo... o bando das borboletas felizes, que povoam a languida transparencia da tarde.

II

Sabes o que eu espero? Não é a corôa esplendida do triumpho nem o manto de arminho e purpura, que os profluctos da victoria arrastam entre as ambições da terra!

Não é um nome, de certo!... O nome desaparece veloz, e o esquecimento

baixa tão depressa e tão solemne sobre a memoria, como a mortalha sobre os ossos descaruados e frios.

Eu espero... morrer n'uma noite de primavera, n'uma noite cheia de estrellas, com as mãos entre as tuas e a cabeça estendida no collo de minha mãe.

III

Sabes o que eu desejo? Não é a lapide ornada de custosos emblemas, flores de marmore de Paros e figuras allegoricas symbolizando a minha prematura morte.

O marmore cahe flagellado pela espada do tempo, e as letras d'ouro do epitaphio apagam-se pouco a pouco, lembrando aos vivos que a vaidade e o pó e que o orgulho humano deve estacar perante a magestade sombria da sepultura.

Eu desejo que plantes bem á cabeceira de minha cova um grupo de rosas e madresilvas com as tuas próprias mãos.

E minha alma virá todas as tardes no bando das borboletas felizes espalhar entre os teus cabellos o aroma das flores que perfumarem o tumulo de teu desditoso amor.

L. GUIMARÃES JUNIOR.

A rapariguinha e os phosphoros

Que frio! a neve cahia, e a noute aproximava-se: era o ultimo de Dezembro, vespera de anno bom. No meio d'este frio e d'esta escuridão passou na rua uma desgraçada pequerrucha, com a cabeça descoberta e os pés descalços. É verdade que trazia sapatos, ao sahir de casa, mas tinham-lhe servido pouco tempo: eram uns grandes sapatos que sua mãe já tinha usado, tão grandes, que a pequenita perdeu-os ao atravessar a rua e correr entre duas carruagens. Um dos sapatos perdeu-o realmente; quanto ao outro fugiu-lhe com elle um garotito, com a intenção de fazer d'elle um berço para o seu primeiro filho.

A pequenita caminhava com os pés-nhos nus, arroxeados pelo frio; tinha no seu velho avental uma grande quantidade de phosphoros, e levava na mão um maço d'elles. O dia correrá-lhe mal; não tinha havido compradores, por isso não apurára cinco reis.

Pobre pequerrucha! que frio e que fome! Os flocos da neve cahiam-lhe nos longos cabellos loiros e adoravelmente

anulados em volta do pescoço; mas pensava ella porventura nos seus cabellos anellados?

As luzes brilhavam nas janellas, e sentia-se na rua o cheiro dos manjares; era a vespera do dia de anno bom; eis no que ella pensava.

Deixou-se cahir a um canto, entre dois muros. O frio enregelava-a cada vez mais, mas não se atrevia a voltar para a casa: o pai bater-lhe-hia, porque não tinha vendido os seus phosphoros.

Além disso em sua casa havia tanto frio como na rua. Moravam debaixo de um telheiro que o vento atravessava, apazar de o terem calafetado com palhas e farrapos. As suas mãos já quasi que as não sentia. Ai! como um phosphorosinho accendo lhe faria bem! Se tirasse do maço apenas um, um unico, e accendendo-o aquecesse os dedos enregelados! Tiro um! «ritcha» como estotra! Como ardeu! Era uma chamma tépida e clara, como uma pequena lamparina. Que luz exquisita! Parecia-lhe estar sentada de frente de um enorme brazeiro de ferrojo, lume magnifica que aquecia tão suavemente que era um regalo.

A pequerrucha ia já a estender os pésitos para aquecer tambem, quando a chamma se apagou repentinamente; achou-se sentada tendo na mão uma pontita de phosphoro já consumido.

Accendeu segundo phosphoro, que ardeu, que brilhou, e o muro onde a sua chamma tornou-se transparente como vidro. Olhando através d'esse muro, a pequerrucha viu uma sala com uma mesa coberta de uma toalha alvissima, deslumbrante de finas porcelanas, e sobre a qual uma gallinha assida com recheio de ameixas e de batatas fumegava exhalando um perfume delicioso. Oh! surpresa! oh! felicidade! De repente a gallinha saltou do prato, e cahiu no chão ao pé da pequerrucha, com o garfo e a faca espetada no lombo. N'isto apagou-se o phosphoro, e viu apenas diante de si a parede fria e tenebrosa.

Accendeu terceiro phosphoro e achou-se immediatamente sentada debaixo de uma magnifica arvore de Natal; era ainda mais rica e maior do que a que tinha visto no anno passado através dos vidros de um armazem sumptuoso.

Nos ramos verdes brilhavam centenaes de balões accesos, e as estampas coloridas como as que ha ás portas das lojas pareciam sorrir-lhe. Quando ia agarral-as com as duas mãos, apagou-se o phosphoro; todos os balões da arvore do Natal começaram a subir, a subir e viu então que se tinha enganado porque eram estrellas. Cahiu uma

d'ellas deixando no céu um longo rasto de fogo.

—E' alguém que está a morrer, disse a pequerrucha; porque a sua avó, que lhe queria tanto, mas que já morrera, dissera-lhe muitas vezes: «Quando cao uma estrella, sobe para Deus uma alma».

Accendeu ainda outro phosphoro; deu uma grande luz, no meio da qual lhe appareceu sua avó de pé, com um ar radioso e suavissimo.

—Minha avó, exclamou a pequenita, leva-me contigo. Eu sei que te vais embora quando se apagar o phosphoro. Desapparecerás como a panella de ferro, a gallinha assada e a bella arvore do Natal.

Accendeu o resto do maço, porque não queria que sua avó lhe fugisse, e os phosphoros espalharam um clarão mais vivo que a luz do dia. Nunca sua avó tinha sido tão formosa. Por ao collo a pequerruchinha, e ambas alegres, no meio deste deslumbramento, voaram tão alto, que já não tinham nem frio, nem fome, nem agonias: haviam chegado ao Paraiso.

Mas, quando rompeu a fria madrugada, encontraram a pequerrucha entre os dous muros, ao canto, com as faces incendiadas, o sorriso nos labios... morta, morta de frio na ultima noite do anno. O dia de Anno-Bom veio alumiar o pequenino cadaver, sentado ali com os seus phosphoros, a que faltava um maço, que tinha ardido quasi inteiramente.—Quiz aquecer-se, disse um homem que passou. E ninguem soube nunca as lindas coisas que ella tinha visto, e no meio de que esplendor tinha entrado com a sua velha avó no dia de anno novo.

GUERRA JUNQUEIRO.

DECLARAÇÃO

THEATRO SANTA IZABEL

Associação Dramatica
Catharinense

Participo a todos os srs. que tiveram a delicadeza de aceitar cartões para a récita de hoje que, das 7 horas da tarde em diante, achar-se-ha no saguão do theatro uma commissão de Senhoras para receber as esportulas dos mesmos Srs.

Outrosim, previno ás pessoas a quem, por esquecimento, nos não

dirigimos solicitando o seu valioso auxilio, que o thesoureiro da sociedade estará a sua disposição durante o dia, no saguão do Theatro.

Secretaria da Associação Dramatica Catharinense, em 7 de Junho de 1885.

O 2º Secretario, *Francisco Margarida*.

ANNUNCIOS

COLLEGIO SANTA MARIA

INTERNATO E EXTERNATO
DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

5 Rua da Paz 5

As aulas d'este collegio funcionam regularmente das 9 ás 6 horas da tarde.

Os Srs. Paes de familia poderão visitar o estabelecimento a qualquer hora do dia, sendo-lhes ahí ministradas as informações que pedirem para a admissão de alumnos.

O director

Custodio Teixeira Raposo

O MEQUETREFE

HEBDOMADARIO HUMORISTICO,
CRITICO, SATYRICO E ILLUSTRADO

56 Rua da Quitanda 56
(CORTE)

Preço das assignaturas para as
provincias

Anno 20\$000

Semestre 12\$000

Pagamento adiantado

Correspondente da Empreza n'esta
provincia

JOSÉ RAPOSO

ADVOGADO

THOMAZ A. F. CHAVES

Praça Barão da Laguna
n. 32

SANTOS MOREIRA RETRATISTA

RUA DO HOSPICIO, 102 — Rio de Janeiro

O proprietario desta officina, uma das mais conhecidas na côrte, manda a Santa Catharina o seu interessado, o Sr. Alves Ferreira, com todos os objectos necessarios para fazer qualquer trabalho de sua arte com a perfeição que se faz na côrte.

Preços fixos:

Uma duzia de retratos simples 5\$000
Idem » » » em porcelana 8\$000

Não se faz meia duzia

Um retrato Imperial em porcelana 6\$000

Cada um mais da mesma chap 2\$000

Um retrato, Salão, em porcelana 10\$000

Cada um mais da mesma chap 3\$000

Retratos de crianças, duzia 10\$000

Em grupos, por cada pessoa que augmenta 2\$000

Nesta cidade—Rua da
Trindade n. 16

AVISO:— Termina seus trabalhos nesta cidade no dia 30 de Junho.

APONTAMENTOS

ORPHANOLOGICOS

A SAHIR DO PRÉLO BREVEMENTE

Aos Srs. subscriptores desse livro roga-se o obsequio de mandarem pagar a importancia de suas assignaturas, á Praça Barão da Laguna n. 32.

GABINETE AMERICANO

3 RUA DA LAPA 3

Sobrado

Impressão de facturas em tinta preta ou de côres, despachos, cartões de visita, ditos commerciaes, recibos de talão, rotulos, etiquetas, etc., tudo feito com brevidade, nitidez e a preços commodos.

IMP. NA TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO